



Os artigos apresentados neste livro estão no domínio de duas áreas que me são muito caras: a Ergonomia e a Tecnologia. Por isso foi uma tarefa fácil e prazerosa ler todos os seus capítulos. É possível identificar as múltiplas interfaces da pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Design da UFPE, e a riqueza de suas investigações. Convido os leitores a se debruçarem sobre os artigos apresentados, sobre os quais faço uma breve apresentação.

O primeiro capítulo aborda a questão da orientação em relação à deficiência visual. Tratar o tema não é somente avançar na temática do *wayfinding* nas pesquisas brasileiras, mas também destacar a importância dos estudos nesta temática com o foco no design inclusivo. É essa a perspectiva que o capítulo “*Wayfinding e os obstáculos da deficiência visual*” proporciona ao leitor,

tratando um estudo de caso que inclui a proposta de um sistema de sinalização tátil. Seus resultados permitem a difusão do conhecimento sobre o uso da sinalização e o processo de *wayfinding* destes usuários, no que diz respeito às estratégias de navegação, à execução das rotas e à identificação de destinos. A testagem destacou, portanto, a importância do projeto de uma sinalização inclusiva, corroborando a importância da acessibilidade informacional, afirmando que o *wayfinding* auxilia no deslocamento de deficientes visuais.

Ainda com uma abordagem em busca da inclusão, os capítulos seguintes – dois e três – oferecem uma reflexão sobre o projeto para crianças, considerando estes usuários como atores no projeto do ambiente construído, com recorte no ambiente residencial. Projetos ergonômicos e inclusivos precisam levar em conta as características, capacidades e limitações de seus usuários, e os capítulos dois e três propõem uma revisão sistemática da literatura combinando as questões do ambiente construído e das crianças. Assim, o capítulo dois “*A usabilidade do espaço físico residencial e o desenvolvimento infantil: uma revisão sistemática da literatura*” permite ao leitor identificar como a relação criança/ambiente construído está sendo tratada em relação à usabilidade. Após a revisão sistemática da literatura, foi possível verificar que se tem como foco a autonomia, o desenvolvimento sociocognitivo, a segurança, a saúde, mas também na satisfação do usuário, uma variável que é requisito de usabilidade.

Já no capítulo três “*A relação entre o espaço residencial e a infância: uma revisão sistemática sob a ótica da ergonomia do ambiente construído*” o enfoque está em fatores ergonômicos do ambiente que podem influenciar a criança, tais como seus elementos, características físicas, interpretação e apropriação ambiental e sua relação com a saúde emocional infantil. Esta revisão ilustra como pesquisadores de outras áreas que não lidam com o projeto (ou seja, que não são designers ou arquitetos) investigam aspectos da presença de crianças nos ambientes residenciais, e como se deram as mudanças nas moradias, no estilo de vida (considerando autonomia e sedentarismo) e o impacto tecnológico. Esses mesmos aspectos são elementos-chave para um projeto ergonômico do ambiente, onde esse usuário – a ‘criança’ – deve ser privilegiado em cada decisão do espaço projetado.

A seguir, tem-se no capítulo quatro um artigo que apresenta a aplicação da Metodologia Ergonômica para o Ambiente Construído (MEAC), desenvolvida por Villarouco (2008), em um ambiente de trabalho: “*A MEAC na identificação de demandas e proposições ergonômicas: estudo de caso da Associação de Tapeçaria Timbi*”. Vale destacar que um dos principais aspectos que distingue a MEAC da AET é a preocupação com a percepção dos usuários quanto ao ambiente construído, onde as tarefas são realizadas. Nesse exemplo, o Mapa mental e o Poema dos desejos foram as técnicas utilizadas, levando ao Diagnóstico Ergonômico do Ambiente e à proposição de um novo fluxo para realização

do trabalho. É mais um artigo que corrobora com a aplicabilidade da MEAC na análise das demandas do ambiente construído.

Dando continuidade à preocupação dos requisitos ergonômicos nos ambientes de trabalho, o capítulo cinco trata da questão do home office. Se até 2020 o estudo do trabalho em casa ainda não era preocupação constante nas pesquisas em Ergonomia, depois deste ano será temática recorrente. A pandemia da COVID-19 mudou o mundo, que voltou seu olhar para o trabalho em casa, para as (longas) horas que os trabalhadores fazem de sua casa um espaço de trabalho, e para o trabalho híbrido. Discute-se à luz dos Componentes Ambientais da Preferência Visual Percebida e de uma Sentença Estruturadora – instrumento básico da Teoria das Facetas – “*A preferência visual percebida em espaços de home office*”. Dos seus resultados, podemos destacar dois aspectos importantes: a coerência e a complexidade influenciam o julgamento da preferência visual percebida em espaços de *home office*, e espaços de *home office* com contraste alto e complexidade máxima foram percebidas como menos preferidas pelos entrevistados. Esses achados trazem um elemento norteador para os projetistas, que podem favorecer a preferência visual percebida na cena e, por conseguinte, uma avaliação visual positiva.

A esse capítulo segue-se outro que também aborda a agradabilidade visual percebida, mas em contexto distinto: nos uniformes (fardamento) dos funcionários do serviço postal brasileiro, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Para tanto, foram os funcionários que utilizam esses uniformes aqueles que fizeram a avaliação, vestuário esse de baixa coerência e média complexidade. Ainda que os resultados fujam um pouco ao esperado pela literatura é indubitável a contribuição do capítulo seis “*Agradabilidade visual percebida no fardamento dos serviços postais da cidade do Recife – PE*”. Os autores deram voz aos profissionais/respondentes que destacaram pontos essenciais quando se pensa em um uniforme que é utilizado em todos os cantos do país, onde seu uso passa pelas áreas urbanas e rurais, sol e chuva, situações tão distintas. Apontaram aspectos sobre o material têxtil utilizado, a questão afetiva, de identidade desses profissionais e desse uniforme, o que são fundamentais nas pesquisas em Ergonomia – compreender o usuário como pessoa humana que tem suas expectativas e vivências.

E a questão do vestir e da usabilidade fecham o volume, com o capítulo sete “*Percurso metodológico para o diagnóstico da vestibilidade dos sutiãs no contexto laboral*”. Após a apresentação desta peça tão fundamental no vestuário feminino, esta é apresentada dentro do contexto do trabalho identificando a lacuna de investigação. Não se trata de olhar o sutiã do ponto de vista cotidiano, mas das tarefas realizadas nas quais as usuárias fazem uso dessa peça. As três métricas (eficácia, eficiência e satisfação) dos estudos de usabilidade são aqui desdobradas em quatro, com o desdobramento de eficácia nas tarefas e no ajuste, levando a uma heurística específica para esse produto. O aspecto metodológico aqui apresentado aponta para futuras pesquisas na área do design têxtil e de moda com a métrica proposta para ‘vestibilidade’.

Após a leitura de todos os capítulos e iniciar a redação desse prefácio, confesso que tive um aperto no coração até chegar a essa versão final. Rever o que já tinha escrito, reler o capítulo que trata da MEAC, a abordagem original de autoria da minha querida amiga Prof. Vilma Villarouco, e como sua atuação no PPGDesign da UFPE foi pioneira, deixando sua marca nas pesquisas sobre a Ergonomia no Ambiente Construído (e daí lembrei minhas discussões com ela sobre qual seria a preposição mais adequada (‘do’, ‘no’ ambiente construído). Pensar nisso deixou pra mim a constatação de que o PPGDesign da UFPE perdeu uma grande pesquisadora, e os colegas uma professora dedicada, empenhada, determinada, ainda que já aposentada, mas sempre atuando de forma colaborativa com os demais autores desta coletânea.

E o que fica pra mim da leitura desta obra? Um panorama do que vem sendo pesquisado no Programa de Pós-Graduação em Design da UFPE, o resultado de investigações que valorizam o humano nas suas necessidades, percepções; um olhar cuidadoso, criterioso. Traz a preocupação com a formação de seus alunos para que se dediquem às questões sociais, onde o resultado é fornecer o embasamento teórico para compreender o humano. As pesquisas aqui apresentadas visam o projeto onde não se trata de fazer mais uma planta baixa, uma escolha de cores, formas e texturas, um uniforme de trabalho, ou uma peça de vestuário, mas considerar quem usa o espaço, quem vive o ambiente, entender seus significados e contribuir para uma sociedade melhor e mais inclusiva.

